

DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE À EDUCAÇÃO FRANCISCANA

Alberto da Silva Moreira
PUC Goiás

Introdução

Agradeço a frei Nelson Hillesheim e aos organizadores desse congresso pela alegria de estar aqui e pela honra de poder lhes dirigir a palavra. Como diversas pessoas aqui presentes, eu mesmo sou fruto de uma educação franciscana, abraçada como inspiração permanente e projeto de vida, e confesso: ela me parece cada dia mais importante e cada dia mais necessária, mesmo se no meu caso continua incompleta e muito imperfeita. Desde o longínquo ano de 1967, quando entrei no primeiro ano do ginásio no Colégio São Francisco de Assis, em Anápolis, no Centro-Oeste do Brasil, até junho de 1980, quando terminei os estudos de Teologia e Filosofia no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis, posso dizer que as idéias e os ideais, as atitudes e a forma franciscana de ensinar ajudaram a plasmar a pessoa que me tornei. Esta formação foi muito além de in-formar meus quadros mentais e intelectuais, ela ajudou a con-formar minha sensibilidade e meu horizonte de percepção e a per-formar minhas lutas e os valores em que acredito. Assim, neste momento realizo não apenas uma análise teórica, mas em certo sentido, também estou devolvendo e prestando contas do que eu mesmo aprendi.

Por isso minha exposição não é alguém que se situa “de fora”, que faz uma descrição fria e impessoal dos problemas e dos desafios, mas como alguém de dentro da família franciscana que procura respostas para as próprias buscas (Moreira, 1996; 1997; 2001; 2003). Educar sob uma perspectiva franciscana tem sido o objetivo maior a que tenho me dedicado esses anos todos, na universidade e fora dela. Portanto, só posso falar como alguém que foi tocado pela beleza e pela profunda humanidade da experiência franciscana.

Nesta contribuição vou proceder em dois passos: primeiro tento sentir, diagnosticar uma vez mais a espessura e a intensidade do que denominamos experiência pós-moderna, analisando como tal transformações incidem sobre a

infância e a juventude; em segundo lugar, pretendo focar em alguns desafios que a nova situação traz para a tarefa de educar sob a perspectiva franciscana.

Quando penso nos tempos de escola franciscana na infância e juventude, tenho a viva impressão de que meus professores nos anos 60 e 70 não tinham uma consciência tão exata da complexidade do seu mundo; mas eles foram em frente e deram o melhor de si. Hoje, da mesma forma, o alcance de nossa atuação na Educação Franciscana não depende apenas do rigor das nossas análises mas, sobretudo, da nossa disposição em tentar realizar o que já sabemos.

I – EXPERIÊNCIA HUMANA NOS HORIZONTES DA MODERNIDADE TARDIA OU PÓS-MODERNIDADE

Sem dúvida, uma das coisas que mais caracterizam o mundo atual é a percepção compartilhada de que ele está mudando. Não há acordo sobre os conceitos, as formas de entender ou descrever tais mudanças, mas há total consenso de que as mudanças estão aí e atravessam nossas vidas. Na verdade, utilizamos diversos conceitos: modernidade tardia, pós-modernidade, modernidade líquida, hipermodernidade; cada um deles respondendo a determinados pressupostos ou ligados a determinadas correntes teóricas nas ciências sociais, na filosofia, nas artes, na economia e na política. Não vou entrar aqui na análise desses pressupostos teóricos e dessas correntes que, desde Adorno e Horkheimer, passando por Lyotard, Baudrillard, Giddens, Habermas, Bauman, e indo até Jameson, Harvey e Lipovetski, entre outros, defenderam e defendem diferentes compreensões de modernidade e pós-modernidade ou que afirmam mesmo a existência de múltiplas modernidades. Assumo aqui o conceito de pós-modernidade como caracterização do horizonte histórico da sociedade e da cultura atuais. Por atuais, me refiro ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, e sobretudo ao período dos anos 1980 até hoje. Ao falar de sociedade e cultura incluo tudo o que caracteriza a fase atual dos processos de globalização. Afinal, qualquer que seja a orientação teórica que se situa por trás dos diversos conceitos que utilizamos para delimitar os horizontes da contemporaneidade – não escaparemos a um conjunto enorme de mudanças, que atingem desde processos na economia, na bio-política, até a

auto-imagem e a subjetividade das pessoas. Pós-modernidade, portanto, como conceito redutor de complexidade para nomear o momento histórico atual da sociedade em regime acelerado de globalização.

Na verdade os desafios que a pós-modernidade apresenta ao Cristianismo e à vida franciscana já têm sido diagnosticados em outros encontros da Ordem Franciscana. Quase todos eles apontam para fatores que bem conhecemos. O Capítulo Geral de 2003, por exemplo, indicava no seu documento final quatro aspectos desafiadores da sociedade contemporânea: 1) a hegemonia da economia de mercado através da globalização, 2) a difusão da violência, 3) o crescimento do fundamentalismo, 4) e a dominação dos meios de comunicação de massa (Doc. “O Senhor lhes dê a Paz”, 2003). Especificamente no campo da Educação, as Diretrizes Gerais para a Educação Franciscana, propostas pelo Secretariado de Evangelização da Ordem em 2009 listam como principais desafios à Educação Franciscana no mundo de hoje: 1) a globalização, 2) a urbanização rápida, 3) as mudanças na família, 4) o surgimento de uma nova ética (Doc. “Ide e Ensina!”, OFM, 2009, p.14-18). Por último, o recente Capítulo Geral de 2015 apresenta de maneira sucinta, os quatro grandes desafios que a atual crise de civilização traz à humanidade: “Nosso mundo passa hoje por mudanças radicais, entre as quais a 1) revolução econômica vinculada à globalização, 2) a revolução digital... 3) a revolução bioética... e 4) as mudanças climáticas” (Doc. OFM, 2015, n. 3).

De fato nosso tema não é novo, aqui vou tomar apenas alguns aspectos que me parecem mais urgentes e relevantes. Os desafios que enfrentamos são de ordem econômica, política, social, cultural, religiosa e ambiental e estão quase todos ligados aos processos de globalização. É importante lembrar que na base material dos processos de globalização estão quatro fatores sem os quais não poderíamos falar de sociedade pós-moderna: as mudanças operadas no regime do *trabalho*, o domínio massivo da *natureza*, o uso intensivo dos *combustíveis fósseis* e a incorporação sistemática da *ciência* ao processo produtivo.

II – DESAFIOS URGENTES À EDUCAÇÃO FRANCISCANA

Os desafios mais gerais que este momento histórico nos apresenta e aos quais temos que responder como sociedade, como cidadãos e como instituição educadora são:

Desafios econômicos: expansão extensiva e intensiva do capitalismo por todo o globo; incorporação de todos os mercados, mão de obra e recursos naturais à economia de mercado; concentração imoral da riqueza; surgimento de novas formas de pobreza; desemprego estrutural, sobretudo entre os jovens; formação de redes internacionais do crime; mercantilização do patrimônio biológico e genético; migração de grandes massas humanas.

Desafios sociais: expansão da liberal-democracia e da cultura do indivíduo; crise das sociabilidades e das solidariedades; fragmentação da experiência e isolamento dos indivíduos; informalização das relações sociais; formas mercadológicas de comunitarização; guerras violentas, expansão da violência e do medo, terrorismo.

Desafios políticos: crise dos Estados-nação; surgimento de novos blocos de poder; ausência de governança global; instabilidade política; crise radical da representatividade democrática; renascimento de movimentos fascistas e filonazistas; surgimento de novos atores políticos internacionais (instituições, movimentos sociais, grupos terroristas); reconfiguração da geopolítica mundial; fechamento de fronteiras entre países e classes, muros e outras medidas de exclusão por parte dos ricos.

Desafios culturais e religiosos: ditadura da racionalidade tecno-científica sobre todas as outras formas de conhecimento humano; ubiqüidade da cultura do consumo; crise das tradições e perda da memória; mediatização da cultura e da religião; destradicionalização; ameaça às culturas indígenas e autóctones, desenraizamento cultural; hibridismo cultural e religioso; crise das identidades; comodificação dos imaginários sociais; aceleração social do tempo; fundamentalismo e estetização da religião; surgimento de uma consciência planetária.

Desafios ambientais: Mudanças climáticas; grandes e pequenas catástrofes ambientais que prejudicam, sobretudo, os pobres; poluição; desflorestamento; crise hídrica; ameaça à biodiversidade e ao futuro da vida no planeta, falta de consciência ambiental, ausência ou negligência nas formas de controle de empreendimentos com grande impacto ambiental (usinas, barragens, grandes plantações).

Ou seja: não são desafios pequenos, conjunturais ou passageiros. Também não se trata de desafios apenas para a Educação, mas como se trata de uma crise de civilização, ela exige respostas em todos os campos e da parte de todos. Na

verdade, não se pode separar a questão econômica da pobreza da questão ambiental ou das questões culturais ou mesmo das questões religiosas. Por isso o Papa Francisco, o mais franciscano de todos os Papas da história, disse na encíclica *Laudato Si* que os desafios que nos afligem na economia, na cultura, na ética, no meio ambiente estão todos ligados entre si e remetem a uma crise profunda do ser humano e de suas formas de vida.

Nós começamos a perceber: esses desafios exigem nada menos do que uma mudança das mentalidades e da cultura, o que equivale a uma reforma do humano, enfim a um novo *modo de ser* e de estar sobre a terra. Mudança de mentalidades é apenas um eufemismo para dizer *conversão*, ou mudança de espírito. Justamente o que pede o Papa Francisco na *Laudato Si*: uma conversão ecológica (LS 216). Isso não é algo muito fácil de acontecer, primeiro porque nosso cérebro resiste em registrar uma ameaça enquanto ela não for sentida na própria pele como uma dor física; em segundo lugar, porque estamos condicionados a pensar na parte e não no todo; vemos o fragmento e não a complexidade do sistema e assim acreditamos que a questão se resolve com soluções isoladas. Mas como se trata de uma questão de vida e morte, vai acabar prevalecendo a consciência da necessidade urgente dessa reorientação.

Mas uma questão prévia nos incomoda: **quem vai fazer as mudanças?** Quem serão os sujeitos e instituições que ainda podem inspirar e liderar esse processo? Quem ainda tem credibilidade e competência para isso? Não está claro se e como as religiões, os estados, a mídia e outras instituições irão contribuir. Mas parece bem claro que sem um sistema educacional transformado essa mudança não virá. A Educação é um fator fundamental para essa mudança e as escolas franciscanas podem estar na liderança desse esforço.

Portanto, esse é o primeiro desafio que os horizontes do nosso tempo trazem para a Educação Franciscana, e também o mais radical e difícil:

1 - Educar para um novo modo de ser, para uma aliança entre a humanidade e o ambiente. O Papa Francisco nos convoca para uma verdadeira conversão ecológica (LS 216). Conversão ecológica não significa aqui apenas apagar as luzes e poupar água, mas praticar uma ecologia integral, adotar formas de vida sustentável pessoal e coletivamente, frear o ritmo da destruição e transformar a

mentalidade predatória. Como conseguir isso sem desenvolver uma espiritualidade integradora?

Isso não deveria ser novidade nas escolas da Família Franciscana, afinal nós como discípulos e discípulas do Irmão de toda Criação deveríamos estar liderando um tal movimento há muito tempo e não deixar que um Papa jesuíta venha nos mostrar que conversão ecológica e espiritualidade franciscana é justamente o que o mundo mais necessita.

Como estamos falando em Educação Franciscana e não apenas em escolas franciscanas, temos de levar em conta que muitas vezes a Educação Franciscana não acontece apenas no âmbito das escolas, mas também por muitos outros canais. O grande problema das escolas e universidades é que elas foram cooptadas pelo sistema produtivo para tornar-se um subsistema do mercado, com a função de abastecê-lo com mão-de-obra profissional dedicada e competente. Principalmente com profissionais que procuram adaptar-se, mas não questionam nem as regras, nem o todo e muito menos a direção para onde vai o sistema. Mas se não rompermos com uma cultura educacional e institucional que só premia a adaptação e o sucesso individual, como vamos conseguir educar para uma nova forma de ser? Como vamos apontar para outro estilo de vida? (Laudato Si, 203ss.) Mas sempre é possível encontrar brechas, lacunas e formas criativas para fazê-lo.

Sugestões de encaminhamento prático para a Educação Franciscana:

- * Favorecer experiências pedagógicas nas quais alunos e educadores façam experiências marcantes de que outras formas de ser e outras formas de viver são possíveis e trazem felicidade e realização humana;

- * Fortalecer a consciência e o conhecimento teórico-científico da interdependência, e sobretudo facilitar aos educados e educadores a experiência da interligação e a interdependência mútua de todos os seres e níveis da realidade (paradigma holístico);

- * Formar redes nas quais tal conhecimento e experiência possam ser compartilhados com os outros, socializados e debatidos.

- * Oferecer exercícios, oportunidades e meios para desenvolver uma espiritualidade integradora.

2 – Acompanhar e influenciar a transformação da infância e da juventude

Infância e juventude não são grandezas prontas, acabadas, imutáveis e imunes às contradições históricas. Também não existe um tipo de juventude, ou a juventude de uma determinada época que deva servir como modelo para as demais. Todos sabemos que a juventude, assim como a família e a sexualidade, são construções sociais e históricas. Podem ser influenciados para um lado e para o outro. Por isso precisamos estar atentos a transformações mais recentes da infância e juventude que tem na sua origem dinamismos econômicos e culturais e que vão impactar na educação em geral e na educação franciscana em particular.

Existe uma cooptação da infância e da juventude pelo mercado, pela cultura midiática e pela cultura do consumo. Isso se dá através da compulsão pela estética e pelo prazer. A pressão sobre os jovens às vezes é quase irresistível para que adotem mercadorias, idéias, valores e formas de vida da cultura dos países ricos (Peter Phan); a indústria cultural (Disney, Hollywood e outras) conta histórias, formata desejos, educa as mentes e corações; relativiza e impõe novas exigências na maneira da escola lidar com os alunos e suas famílias. Alguns autores afirmam que está em gestão um tipo novo ser humano: o jovem gregário, formando tribos e patotas, altamente dedicado e produtivo no trabalho, obcecado por resultados, mas narcisista, pouco solidário e insensível aos demais, voltado às diferentes formas de prazer e satisfação, infantil afetivamente, com baixa capacidade de trabalhar conflitos, capaz de violência se seus desejos não são satisfeitos ou se sua vontade é contrariada. É o que Dufour denomina de novas manadas gregárias (Dufour, 2003; 2008). Se é assim, precisamos desenvolver formas de resistência criativa.

Sugestões de encaminhamento prático para a Educação Franciscana:

* Conhecer melhor a infância e a juventude que estão surgindo, como elas sofrem o impacto das transformações culturais, da aceleração social do tempo, das transformações na família e na intimidade.

* Reforçar o conhecimento e a ligação afetiva dos jovens com os valores de sua cultura local, sem criar mentalidade de gueto ou reforçar nacionalismos estéreis;

* Criar formas de interação intelectual e afetiva mais profundas dos educadores e alunos com grupos ou pessoas que sofrem e lutam contra a marginalização, preconceito e exclusão social, também na forma de projetos duradouros.

* Desenvolver estratégias pedagógicas proativas, que aproveitem o gosto de crianças e jovens pela estética, pelo prazer, que trabalhem o fascínio que sentem pela tecnologia e pelo design, para ir além, para apontar para outras dimensões humanas que o prazer e a estética podem ocultar.

3 – Educar para a sensibilidade e a compaixão

Sensibilidade e compaixão são atitudes fundamentais de São Francisco e de toda educação realmente franciscano. Mas o primeiro passo só pode ser dado se nos deixarmos tocar no coração, na vontade e na inteligência para a necessidade dessas atitudes básicas. Numa sociedade e numa escola definidas por metas de produtividade e por recompensa individual dos resultados a sensibilidade para o sofrimento do outro e para o próprio sofrimento pode não ter lugar, pois a adaptação ao sistema geralmente ocorre às custas dos sonhos de autonomia, liberdade e solidariedade. Educar para a sensibilidade implica ajudar a perceber o sofrimento alheio, o próprio e o da natureza e incentivar as formas de combatê-lo, cada vez que ele se manifesta. Educa para a sensibilidade quem ajuda a perceber as fissuras, o rasgão, o contraditório, as necessidades caladas, as promessas não cumpridas do sistema. Isso implica praticar a fineza de alma, exercitar a cordialidade do espírito e as atitudes de compaixão. Sensibilidade para a justiça e a solidariedade, mas também para a beleza, para o ritmo e a cor, para as nuances e as modulações do real, para o inefável e o transcendente. Educar para a sensibilidade significa enfim, ajudar a perceber o jogo de luz e sombras, de incertezas e buscas que compõem e perfazem a existência humana. Como educar para a sensibilidade e a compaixão numa cultura calcada na massificação e na des-sensibilização sistemática das pessoas?

Sugestões de encaminhamento prático para a Educação Franciscana:

*Integrar melhor a arte, a música, o teatro, artistas populares, bandas e outros grupos artísticos na tarefa pedagógica, convidando e formando parcerias;

* Formar parcerias com escolas de periferia, com ativistas, movimentos sociais e ONGs comprometidos com projetos de transformação social;

* Incentivar e servir de intermediários para que alunos e educadores possam realizar estágios de serviço civil ou profissionalizante em instituições de assistência, em regiões de calamidade, junto a grupos ameaçados ou férias alternativas em ambientes onde sensibilidade e compaixão possam ser vividas e praticadas.

4 – Educar para a solidariedade e para o sentido bom da vida

Essa é a grande descoberta da ecologia e da teoria dos sistemas complexos: todos os sistemas vivos e inanimados são interdependentes, estão entrelaçados por laços estruturais de dependência mútua. Não existe um reino animal, um reino vegetal e um reino mineral, cada um por si existindo autônomo: todas as realidades do planeta, os seus seres, plantas e minerais formam cadeias, redes de cooperação e sinergia, movidos pelos fluxos de energia. Na sociedade dá-se o mesmo: estejamos conscientes ou não, queiramos ou não, estamos num sistema de interdependência. Se é tão difícil perceber e reconhecer este fato é porque existe, segundo Capra (1997, p. 23) uma *crise de percepção*. Dizem Assmann e Mo Sung (2000, p. 78) que

Uma das razões para este tipo de cegueira (não pensar nos demais) é que as relações de interdependência de todos os seres vivos ou não-vivos na natureza e das pessoas na sociedade não são visíveis aos olhos... fundamentalmente porque nem os nossos olhos e nem as nossas mentes foram treinados ou preparados para ver as relações de interdependência... Nas nossas escolas fomos ou somos preparados para conhecer “pedaços” independentes da realidade.

A visão de mundo atual, que concebe o todo como um conjunto de partes independentes e isoladas só se tornou dominante porque houve um

processo massivo de educação. Que tipo de educação? Educação concebida como instrução, como formação de profissionais especializados, que só dominam o conhecimento de uma parte e “as técnicas de funcionamento das partes do todo que lhe cabem...” (Assmann & Mo Sung, 2000; 82). Tal educação atrofiou a sensibilidade e a solidariedade para o que acontece nas outras partes do sistema. Quando notamos os agudos problemas de grupos sociais marginalizados, nossa tendência é pensar que se trata de problemas isolados, que não afetam o todo e que devem ser resolvidos apenas pelas pessoas envolvidas, sem nenhuma responsabilidade por parte do restante da sociedade. (Assmann&Mo Sung, 2000; 79).

Educar para a solidariedade ativa deve partir da decisão ética e franciscana de lutar por um mundo onde todos caibam, no qual ninguém precise ficar de fora. Ter um conhecimento teórico acerca da interdependência não determina ainda uma postura ética para mudar a situação. Para isso é preciso mudar o sistema educativo e nossos parâmetros afetivos-cognoscitivos interiores. Tal pode ser considerada a tarefa da Educação numa perspectiva franciscana: formar para a solidariedade, ajudar a mudar os parâmetros afetivo-cognoscitivos interiores das pessoas. Se a perspectiva franciscana afirma há séculos a irmandade fundamental de todas as coisas, pois tudo o que existe tem a mesma origem no seu Criador, isso parece que não tem chegado com suficiente clareza nas nossas práticas pedagógicas.

Um aspecto me parece importante na contribuição franciscana: educar dando um *sentido* bom para a Educação (Assmann e Mo Sung, 2000). As escolas, no seu afã de se afirmar estão sempre em busca de novos métodos e novas tecnologias para facilitar a aprendizagem. Mas freqüentemente falham ao ajudar os estudantes a construir um **sentido** profundo para o seu esforço de aprendizagem, deixando que o sentido oferecido pelo mercado seja o único disponível. Este vazio existencial, essa busca por ancoragem espiritual, que muitas escolas não conseguem oferecer tem chegado a níveis catastróficos em países como a Alemanha e EUA. Se são os referenciais simbólicos e as narrativas “que dão propósitos a nossos esforços, exaltam a nossa história, elucidam o presente e imprimem direção a nosso futuro” (Postman, 2002, 14), uma escola franciscana precisa saber conectar o imenso potencial de sentido e

motivação vivido pelo movimento franciscano com a necessidade do aluno de construir um sentido maior para sua vida.

Sugestões de encaminhamento prático:

* Dar outra forma e conteúdo às semanas de planejamento acadêmico/escolar, de maneira a deixar-se tocar e aprender de grupos, pessoas, comunidades que estão lutando pela vida/natureza/justiça;

* Cultivar uma espiritualidade que alimente a paixão pelo cuidado do mundo, através de exercícios, cantos, momentos, ações simbólicas; às vezes uma ação simbólica, pequena que seja, junto aos alunos, professores fica na memória por muitos anos, enquanto a burocracia é logo esquecida;

* Fortalecer nos educadores a convicção e a experiência do sentido profundo e da grande dignidade da tarefa que realizam na Educação; valorizar e animar quem está desanimado, quem como nós professores, andamos com nossa auto-imagem bastante atacada;

* Conectar-se mais e melhor ao enorme patrimônio intelectual e humanístico da tradição franciscana, aos seus pensadores, teólogos, artistas, cientistas.

Conclusão:

Francisco construiu um caminho onde não havia caminhos. Não escolheu os modelos dos outros, não teve referências garantidas de que seu projeto iria dar certo. Nosso desafio hoje na Educação Franciscana é fazer o mesmo.

REFERÊNCIAS

Assmann, H. e Mo Sung, J. *Competência e sensibilidade solidária*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Capra, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

Dufour, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças*. Rio: Companhia de Freud, 2003.

Dufour, Dany-Robert. *O divino mercado*. Rio: Companhia de Freud, 2008.

Moreira, Alberto da S. (Org). *Herança Franciscana*. Festschrift para Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1996, (São Francisco e a Modernidade, p. 339-371).

Moreira, Alberto da S. Cultura midiática e educação infantil. *Educação & Sociedade*, Cedes-Unicamp, Campinas, dez. 2003.

Moreira, Alberto da S. São Francisco e os Pós-modernos. Cadernos do IFAN, Bragança Paulista, n. 18, 1997, p. 21-44.

Moreira, Alberto da S. Inspiração franciscana para a Educação. Vidya, Edição Especial, Santa Maria, 2001, p. 65-82. Disponível em: <http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/497/487>

OFM. Secretariado para la Evangelización (Org.). *Id y Enseñad. Directrices generales para la Educación Franciscana*. Roma 2009.

OFM. “O Senhor Ihes dê a paz!” Documento do Capítulo Geral de 2003. Roma: Curia Geral OFM, 2003.

OFM. Hacia las periferias com la alegría del Evangelio. Frates et minores in Nostra Aetate. Documento final del Capítulo General. Orden de los Hermanos Menores. Roma, 2015.

Postman, Neil. *O fim da educação*. Rio de Janeiro, Graphia, 2002